

Aplicação de uma oficina em contexto remoto sobre prevenção e desconstrução de estigmas relacionados a HIV e AIDS

Thiago Marchini¹
Adriana da Silva²
Bruna Coelho Cruz³
Maria Julia Lobato Viotti⁴
Samanta Isabel do Carmo⁵

Resumo: Neste trabalho apresentamos um relato da concepção teórica e da aplicação da oficina 'HIV e AIDS: prevenção e desconstrução de estigmas', oferecida no contexto da disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências Biológicas II da FE - USP. A temática foi escolhida pela sua importância no contexto de saúde pública brasileiro e devido às discussões que ainda suscita nos campos da prevenção e da criação de estigmas. O foco dado ao tema levou em conta os campos da educação popular, educação não formal e da cibercultura, utilizando os referenciais metodológicos dos três momentos pedagógicos articulados aos encaminhamentos CTS para o ensino de ciências. A oficina teve, de modo geral, seus objetivos alcançados, sendo necessário um olhar mais atento principalmente ao uso do ambiente virtual e suas potencialidades no contexto de ações educativas como a que relatamos aqui.

Palavras chave: prevenção combinada, HIV e AIDS, estigmas, educação não formal, situação limite, três momentos pedagógicos.

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de São Paulo - USP; E-mail para contato: thiagomarchini94@gmail.com

2 Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de São Paulo - USP;

3 Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de São Paulo - USP;

4 Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de São Paulo - USP;

5 Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de São Paulo - USP;

Introdução

Neste trabalho objetivamos relatar a aplicação e as fundamentações que embasaram a concepção teórica e metodológica da oficina *HIV e AIDS: prevenção e desconstrução de estigmas*, no contexto da disciplina Metodologia do Ensino de Ciências Biológicas II (Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da FE-USP).

Desde o início dos anos 80, quando se identificou a pandemia causada pelo HIV, muitos avanços aconteceram nas esferas científica, tecnológica e social. Tais conquistas foram alcançadas a partir de pressões de grupos mobilizados na esfera da sociedade civil que geraram respostas no poder público, impactando tanto no desenvolvimento científico e tecnológico com relação à compreensão da biologia da infecção e da síndrome e ao desenvolvimento de tecnologias preventivas, quanto na desconstrução de um imaginário social estigmatizante em relação às pessoas que vivem com HIV ou AIDS (Pereira e Nichiata, 2009). Todavia, ainda que tenha

(...) passado por modificações significativas em sua 'configuração' na curta trajetória histórica (...), [a AIDS] ainda permanece responsável por alto índice de óbitos em nível global, por razões como políticas públicas insuficientes, fatores culturais, instabilidade política e pobreza (...) (Silva e Cueto, 2018, p. 312).

Mesmo com os avanços ocorridos, ainda presenciamos uma situação alarmante com relação aos acessos a tecnologias preventivas e ao caráter punitivo com que as pessoas que vivem com HIV são tratadas. De 2007 a 2019 surgiram 300.496 novos casos da infecção e do ano de 1980 até 2019, foram 966.058 casos de AIDS, sendo que nos últimos cinco anos, 39 mil novos casos da síndrome foram notificados por ano (Brasil, 2019). Com relação aos preconceitos, uma pesquisa recente conduzida com 1.784 pessoas soropositivas no Brasil, mostrou que 81% possuem dificuldade em dividir que vivem com HIV com outras pessoas, 64% já sofreu com algum ato discriminatório, e 15% foi discriminada em serviços de saúde até um ano antes da pesquisa (UNAIDS Brasil, 2019).

Como evidenciado no trabalho em que desenvolvemos uma sequência didática sobre a temática do HIV (Carmo et. al., 2020, no prelo), campanhas preventivas - entendidas como peças publicitárias com teor educativo - podem reforçar o ideário estigmatizante sobre as pessoas que vivem com HIV por meio de discursos moralistas. Enquanto focam em um tipo de

prevenção específico (como a camisinha), podem agravar desigualdades no acesso a outros métodos. Estas campanhas, como destacamos no trabalho supracitado, se aproxima do que Freire caracteriza como uma educação anti-dialógica, que,

(...) anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. O seu 'humanitarismo', não humanismo, está em preservar a situação de que são beneficiários e que lhes possibilita a manutenção de sua falsa generosidade (...) (Freire, 2013, p.83).

Este cenário evidencia uma situação limite que, atuando no campo da educação, devemos enfrentar com vistas a transformar esta realidade. Tal como Freire coloca, a situação limite é uma construção histórico-social que atua como uma barreira, imobilizando determinados grupos e muitas vezes impedindo práticas transformadoras que visem sua superação. Estas barreiras se apresentam cotidianamente em nossas vidas e impedem que sejam vislumbradas outras possibilidades de leitura e ação crítica na realidade, com o objetivo de transformá-la (Freire, 2013).

Neste sentido, um primeiro passo de enfrentamento seria o reconhecimento desta situação, através de um olhar investigativo para a realidade opressora e do reconhecimento do que Freire chama de consciência real da objetividade, ou seja, as visões de mundo que as pessoas têm, muitas vezes influenciadas pelo opressor. Com a problematização desta objetividade e dos olhares que as pessoas possuem com relação a ela, pode-se atingir uma consciência máxima possível sobre a situação limite vivenciada. A partir daí, surgem condições de imaginar inéditos viáveis, que através das ações editandas, podem nos direcionar à superação da situação limite (Freire, 2013).

Com este pano de fundo, e no contexto das interações remotas devido ao isolamento social no período pandêmico que vivenciamos, nosso grupo foi instigado a elaborar uma oficina virtual para trabalhar as temáticas apresentadas, orientados pela justificativa de que a situação limite verificada na temática do HIV e da AIDS só será superada a partir de ações educativas que tenham um caráter crítico e dialógico. Neste sentido, nos foram caras as reflexões sobre educação não formal propostas por Gohn, e sobre cibercultura propostas por Lemos.

Ao pensarmos em educação não formal, usualmente nos vem em mente espaços como museus. Esta visão limita o campo da educação não formal em sua potencial forma emancipatória. Segundo Gohn (2016), no centro das práticas não formais deveria estar a formação para o exercício pleno da cidadania, já que o engessamento das instituições formais muitas vezes não permite que se desenvolva de forma satisfatória este objetivo proposto originalmente na LDB.

A educação não formal designa um processo com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; (...) a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem que os indivíduos façam uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação *desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica* etc. (Gohn, 2016, p. 60, grifo nosso).

O último elemento enumerado no excerto reproduzido acima reflete tanto a importância de lermos de forma crítica as campanhas de prevenção, quanto a importância de olharmos para o espaço onde ela foi aplicada: o virtual. Segundo Lemos (2003), a passagem dos meios de comunicação de massa para novos meios de comunicação e informação culminou, entre diversos fenômenos, na liberação do pólo emissor, ou seja, na reconfiguração das formas de produção e consumo de produtos midiáticos, a partir de práticas comunicacionais multicêntricas, multidirecionais e sem o controle dos conteúdos por um grupo dominante.

Em um mundo cada vez mais conectado e com as novas configurações da indústria cultural emergem territórios digitais informacionais onde ocorre a reinvenção da cultura, da educação, da articulação política etc. (Lemos, 2009). Neste território, disputas são travadas entre agentes de informação e de desinformação, nos impelindo a ocupá-lo para pesar nesta disputa do lado produtor de conteúdo informativo, baseado em evidências e reflexões sérias, e pautado em uma interação dialógica - o que julgamos ser um dos maiores desafios no momento de interações remotas emergenciais.

Diante do que apresentamos aqui, a oficina que elaboramos teve como objetivo dialogar sobre prevenção combinada e preconceitos contra

peças vivendo com HIV, utilizando campanhas de prevenção como subsídio para as reflexões propostas. Tendo em vista a situação de isolamento social, buscamos ocupar de forma crítica e dialógica este espaço virtual que vem sendo palco de disputas para promover um olhar crítico e cidadão para uma temática que constitui uma situação limite grave para tantas pessoas afetadas pelo HIV, e para a saúde pública como um todo.

Organização metodológica da oficina

A oficina teve sua estrutura metodológica baseada na sequência didática produzida pelo nosso grupo no contexto da disciplina Metodologia do Ensino de Ciências Biológicas I. Nesta ocasião, produzimos uma sequência com o objetivo de ser aplicada no Ensino Médio ou na EJA, no formato presencial. Por isso foram necessárias adaptações para a modalidade não formal e para sua aplicação virtual. Entretanto, os referenciais teóricos que utilizamos foram os mesmos. Deste modo, parte do relatado nesta seção encontra-se desenvolvido com outros desdobramentos em Carmo e colaboradores (2020, no prelo).

Baseamos a organização da oficina nos três momentos pedagógicos (3 MPs) (Muenchen e Delizoicov, 2012) articulados aos encaminhamentos CTS para o ensino de ciências (Santos 2008). Como estratégia educacional dialógica e problematizadora da realidade, os 3 MPs (*i.* problematização; *ii.* organização do conhecimento; e *iii.* aplicação do conhecimento) vinculados aos encaminhamentos CTS, contribuem para a construção de “conhecimentos, habilidades e valores necessários para tomar decisões responsáveis sobre questões de ciência e tecnologia na sociedade e atuar na solução de tais questões” (Santos, 2008, p. 112) e alcançar a consciência máxima possível, necessária para uma atuação crítica a respeito de questões de ciência, tecnologia e sociedade (Auler e Delizoicov, 2006).

A oficina foi dividida em três encontros utilizando a plataforma **Google Meet** como espaço de interação entre nós ministrantes e as participantes. Dentro dos objetivos de cada momento pedagógico, buscamos trazer dinâmicas que favorecessem a expressão de ideias e visões das participantes sobre as problemáticas abordadas.

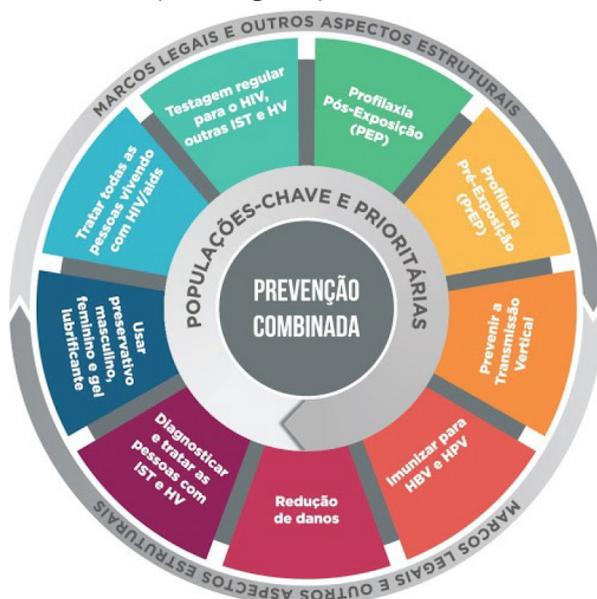
No primeiro encontro, cujo objetivo foi trazer uma problematização sobre o tema, propusemos uma dinâmica de apresentação onde cada pessoa traria uma experiência educativa marcante com relação à prevenção contra HIV. Isto foi feito com o objetivo de colhermos relatos sobre experiências prévias com a temática da oficina que embasaram diálogos mais

contextualizados. Depois disto utilizamos uma estratégia de exposição dialogada para apresentar um contexto sobre a epidemiologia do HIV e da AIDS e sobre os estigmas vinculados à infecção, utilizando a apresentação de dois gráficos retirados do Boletim Epidemiológico de HIV e AIDS de 2019 (quadro resumo, p. 10) e do Índice de estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS - Brasil (proporção de participantes que já sofreram diferentes formas de estigma e discriminação, p. 34).

No segundo encontro, que teve como objetivo aprofundar conteúdos e conceitos que nos ajudariam a entender de forma mais crítica as situações apresentadas no primeiro momento, exploramos de forma colaborativa a mandala da prevenção combinada (fig. 1). Nesta dinâmica cada pessoa escolheu um método, e a partir de experiências prévias ou de pesquisas, foram compartilhadas questões relacionadas ao método escolhido. As marcações foram feitas no sentido de destacar a importância de olharmos para a realidade de cada grupo para propor o uso combinado das estratégias de prevenção fazendo sentido para aquele contexto. A finalização deste encontro foi com uma pergunta que serviu como disparadora para o último: Diante de tudo o que refletimos sobre prevenção combinada, quais características devem ter campanhas efetivas?

No último encontro, cujo objetivo foi o de aplicar os conhecimentos trabalhados, retomamos a pergunta deixada no final do encontro anterior para abrir a dinâmica de leitura crítica das campanhas de prevenção. Nesta dinâmica utilizamos campanhas diversas (para acessar as campanhas utilizadas basta clicar aqui), veiculadas no Brasil e no exterior, estimulando o debate entre as pessoas presentes sobre as impressões acerca de cada campanha. A intenção foi interpretar as mensagens veiculadas nas produções escolhidas segundo critérios selecionados por nós, com base na potencialidade de discussão das campanhas. Ao final, sistematizamos as discussões de forma oral retomando a importância da prevenção combinada contextualizada à realidade de cada grupo e de campanhas mais humanizadas e que desconstruam preconceitos existentes sobre pessoas que vivem com HIV.

Figura 1: Mandala da prevenção combinada, retirada de <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/previna-se>>.



Fonte: Ministério da Saúde.

Relato de aplicação

A maioria das participantes eram educadoras acima de 25 anos de idade, sendo somente uma, com idade de 16 anos, estudante do Ensino Médio. Tal preponderância de educadores na oficina tornou a receptividade à discussão bastante alta, ocorrendo uma boa contribuição, seja com levantamento de questões ou desenvolvimento de discussões. O engajamento da estudante do Ensino Médio foi mais difícil, pois esta não possuía microfone, condição relatada pela própria, que optou pela escuta das discussões.

As experiências relatadas na dinâmica de apresentação tinham consonância com uma visão crítica em relação à temática. Alguns relatos trazidos foram: aulas moralistas de educação sexual nas escolas; o uso do medo como estratégia de prevenção; o controle dos corpos (sobretudo com a interseccionalidade da sexualidade); determinantes sociais da saúde; produtos midiáticos (músicas, filmes, documentários) sobre a temática. Esta primeira dinâmica foi interessante pois nela colhemos alguns relatos que puderam ser utilizados em outros momentos, aproximando as reflexões que trouxemos das experiências vivenciadas pelas participantes.

Na segunda dinâmica do primeiro encontro conseguimos, a partir da leitura dos gráficos, elaborar hipóteses que explicam a situação epidemiológica e de preconceitos que rondam o HIV e a AIDS. As reflexões se deram de forma colaborativa entre ministrantes e participantes e caminharam para o sentido de que a distribuição do HIV e da AIDS no Brasil é influenciada por determinantes socioeconômicos, além de outras questões, mas que estes são preponderantes quando falamos em acesso pleno a tecnologias preventivas. Os estigmas, segundo a leitura do grupo, são fruto de um imaginário social imerso em uma sociedade moralista, cujos setores dominantes usam seu poder para controlar os corpos e marginalizar pessoas que estão em condições que vão contra o ideal imposto. A carga moral do sexo e a marginalização que ainda caminham com o HIV e a AIDS não são somente dissimuladas pelas pessoas comuns, mas também por profissionais da saúde e agentes públicos.

No segundo encontro, cujo objetivo era articular conceitos e conteúdos abordados na mandala da prevenção combinada auxiliando na compreensão de como estratégias bem formuladas de prevenção podem ajudar a reverter os cenários discutidos anteriormente, o grupo caminhou no sentido de refletir sobre os diferentes métodos de prevenção, suas potencialidades, desafios e pontos negativos, os impactos de políticas de prevenção baseados no preservativo e na abstinência, e a importância da contextualização na aplicação da prevenção combinada. O grupo chegou à conclusão de que não existe um método que seja mais efetivo que o outro, mas sim um conjunto de métodos que, se aplicados levando em conta cada realidade, terão mais sucesso na prevenção do que se fossem aplicados de maneira isolada (como geralmente é o caso do preservativo) e descontextualizada.

No terceiro e último encontro o grupo foi convidado a explorar aspectos positivos e negativos das peças publicitárias selecionadas e em contrapartida refletir quais características uma campanha de prevenção voltada ao combate e prevenção do HIV e da AIDS deveria conter para ser eficiente e não estigmatizante. As conclusões foram no sentido de que uma campanha única não pode ser efetiva, já que a diversidade de métodos da estratégia combinada não poderia ser abordada com qualidade. Várias questões foram discutidas, como: a falta de representação racial e de grupos sociais; preconceitos implícitos ou explícitos; abrangência de métodos preventivos; a sazonalidade das campanhas (como as que ocorrem somente no carnaval); o moralismo e condenação da liberdade sexual; o sensacionalismo das peças que recorrem a sentimentos como medo e nojo; e o aceno do atual governo federal à responsabilização individual sobre a saúde e a suposta

preocupação na redução de gastos através da economia de recursos dos programas que atingem a parcela mais vulnerável da população.

Discussão e conclusões

De forma geral avaliamos a oficina de maneira positiva, mesmo que tenhamos tido um público baixo. O caráter dialógico que pretendíamos foi alcançado, já que a maioria das pessoas se sentiram à vontade para colocar suas opiniões, percepções e participar efetivamente das discussões. Com relação à proposta metodológica, avaliamos que cada momento teve seus objetivos cumpridos, bem como a discussão a partir dos encaminhamentos CTS para o ensino de ciências.

No primeiro encontro, a partir dos relatos pessoais e da leitura crítica dos dados apresentados, conseguimos traçar um bom panorama da situação atual acerca da temática, iniciando a problematização a partir do entendimento dos determinantes sociais da saúde que podem contribuir para a situação epidemiológica e de estigmas que rondam a infecção.

No segundo encontro continuamos com as problematizações do primeiro, mas agregando elementos da prevenção combinada que poderiam ser articulados como soluções às questões observadas no encontro anterior. O entendimento de que a prevenção combinada é um conjunto de estratégias que devem ser contextualizadas à realidade de cada grupo - conteúdo central deste encontro - foi atingido e com base nisto pudemos aprofundar as reflexões trazidas no terceiro encontro.

No último momento da oficina conseguimos promover uma ampla discussão em torno das campanhas de prevenção, articulando as problemáticas discutidas desde o primeiro encontro com os conceitos que envolvem a prevenção combinada para elaborarmos uma compreensão do grupo sobre aspectos positivos e negativos das campanhas. Neste momento pudemos perceber o quão apropriadas estavam as pessoas sobre essas questões e a capacidade crítica de leitura das peças que selecionamos. As reflexões trazidas nesse contexto, quando extrapoladas para uma análise da conjuntura atual de gestão pública da saúde são outro indicativo da capacidade crítica de aplicar as questões trabalhadas para compreender a realidade - um primeiro passo para a ação transformadora.

A realização da oficina em um espaço virtual foi avaliada positivamente, entretanto, diversos pontos podem ser melhorados. Conseguimos alcançar a interatividade desejada, mas se tivéssemos um grupo maior, teríamos conseguido? Outros recursos de interatividade (síncronos ou assíncronos) podem

ser estudados para a inserção em futuras aplicações, visando potencializar o caráter dialógico que tentamos dar à oficina. Outras formas de ocupar o ciberespaço de forma a contribuir na disputa entre narrativas informativas e desinformativas também se fazem necessárias, sendo preciso também, reflexões mais aprofundadas acerca das metodologias, ferramentas e estratégias, e suas potencialidades de aplicação no contexto do ensino de ciências e biologia.

Por se tratarem, na maioria, de pessoas atuantes na área da educação, acreditamos que as discussões alcançadas na oficina poderão ser multiplicadas em outros contextos. Tendo isto em vista, e tudo o que foi discutido até aqui, podemos concluir que este tipo de ação educativa tem grande potência para darmos um primeiro passo na superação de situações limites como a que trabalhamos aqui. A problematização da realidade que vivenciamos, o diálogo sobre estratégias de intervenção e o exercício de aplicá-las vai ao encontro de uma educação que pretende formar para uma cidadania plena.

Agradecimentos e Apoios

Agradecemos ao professor responsável pela disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências Biológicas, Rafael Vitame Kauano, e ao monitor PAE, Felipe Dias Barbosa, pelo suporte, orientação e supervisão deste trabalho. Agradecemos à FE-USP pelo apoio no oferecimento da oficina como prática de extensão universitária. Por fim agradecemos imensamente às pessoas que participaram da oficina pela disposição ao diálogo e pelas trocas ali estabelecidas.

Referências

AULER, Décio; DELIZOICOV, Demétrio. Educação CTS: articulação entre pressupostos do educador Paulo Freire e referenciais ligados ao movimento CTS. **Seminário Ibérico CTS no ensino das ciências: las relaciones CTS en la Educación Científica**, v. 4, p. 1-7, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Boletim Epidemiológico de HIV e AIDS**. Brasília, DF. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal nas instituições sociais. **Revista Pedagógica**, v. 18, n. 39, p. 59-75, 2016.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. **Olhares sobre cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, André et al. Cibercultura como território recombinate. **A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa**. São Paulo: ABCiber, p. 38-46, 2009.

MUENCHEN, Cristiane; DELIZOICOV, Demétrio. **A construção de um processo didático-pedagógico dialógico: aspectos epistemológicos**. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 14, n. 3, p. 199-215, 2012.

PEREIRA, Adriana Jimenez; NICHATA, Lúcia Yasuko Izumi. A sociedade civil contra a Aids: demandas coletivas e políticas públicas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 3249-3257, 2011.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira. Educação científica humanística em uma perspectiva freireana: resgatando a função do ensino de CTS. **Alexandria: revista de educação em ciência e tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 109-131, 2008.

SILVA, André Felipe Cândido da; CUETO, Marcos. HIV/Aids, os estigmas e a história. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 25, n. 2, p. 311-314, 2018.

UNAIDS Brasil. **Sumário executivo - Índice de estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS - Brasil**. 2019.